

UM OLHAR PARA AS PRÁTICAS A PARTIR DAS HIPÓTESES DE ESCRITA



ANNA CAROLINA PALESI JORGE

Graduação em Pedagogia pela Faculdade Unitalo (2006); Especialista em Alfabetização pela Faculdade Campos Salles (2017); Professora de Educação Infantil - na EMEI Professora Isabel Colombo, na cidade de São Paulo.

RESUMO

As mudanças no Ensino Fundamental, intensificadas a partir da institucionalização do Ensino Fundamental de nove anos (Emenda Constitucional n.59/2009) oportunizaram um rico debate sobre as práticas no processo de aquisição e de transição das hipóteses de escrita e vem promovendo mudanças significativas nos currículos para os ciclos iniciais incluindo o lúdico e práticas significativas para crianças pequenas, considerando seus contextos sociais, culturais e históricos. O objetivo é apresentar possibilidades de trabalho com o lúdico nas atividades de transição das hipóteses de escrita nos anos iniciais do Ensino Fundamental I. No presente estudo de revisão de literatura é apresentado de forma breve a reflexão sobre as contribuições de Ferreiro e Teberosky (1985), Piaget, Vygotsky que oportunizaram olhar para o momento de aquisição da escrita permitindo perceber o papel de protagonista da criança em seu processo de imersão ao mundo letrado. Os resultados apontam as hipóteses de escrita propostas nos estudos de Ferreiro e Teberosky e reflexão sobre a importância da prática lúdica, especialmente nos anos iniciais do Ensino Fundamental, por garantir uma prática significativa na qual a criança se apropria da leitura e da escrita de forma contextualizada e assim possa avançar nas hipóteses de escrita.

PALAVRAS-CHAVE: Alfabetização; Docência; Hipóteses de Escrita; Ludicidade.

INTRODUÇÃO

O estudo aqui apresenta as possibilidades lúdicas nas práticas de alfabetização e letramento no momento da transição das hipóteses de escrita. As mudanças no Ensino Fundamental, intensificadas a partir da institucionalização do Ensino Fundamental de nove anos (Emenda Constitucional n.59/2009) oportunizaram um rico debate sobre as práticas no processo de aquisição e de transição das hipóteses de escrita, permitindo as escolas repensar currículos e práticas de escrita e de leitura.

Nos dias atuais dominar a leitura e a escrita não é mais compreendido como capacidade de dominar o sistema alfabético, mas sim buscando compreender seus usos sociais, para isso é preciso desenvolver outras competências, muito mais diversificadas do que a mera decodificação de sons e fonemas.

A aquisição da escrita da linguagem escrita, sua compreensão, produção e gêneros textuais demonstraram que dominar as práticas de leitura e de escrita de uma sociedade são processos mais amplos que a alfabetização, portanto necessitam de novas práticas.

Os estudos de Ferreiro e Teberosky, Piaget, Vygotsky oportunizaram um olhar diferenciado para o momento de aquisição da escrita permitindo perceber o papel de protagonista da criança, como acontece a construção e organização para a escrita e como a interação contribui com o processo de imersão no mundo letrado.

Os currículos para os ciclos iniciais vem sendo ressignificados diante do desafio de incluir o lúdico e práticas significativas para crianças pequenas no processo educativo, considerando seus contextos sociais, culturais e históricos. O problema é quais as possibilidades de práticas lúdicas nos anos iniciais do Ensino Fundamental I que permitam aos alunos avançarem nas hipóteses de escrita?

No momento de transição de hipóteses de escrita as crianças precisam de atividades que as ajudem a compreender o processo, dessa forma é importante discutir quais as possibilidades de trabalho significativo para auxiliar esse desafio.

O objetivo geral é apresentar possibilidades de trabalho com o lúdico nas atividades de transição das hipóteses de escrita nos anos iniciais do Ensino Fundamental I e os objetivos específicos consistem em: ampliar saberes sobre as hipóteses de escrita; conhecer recursos lúdicos para o trabalho nos ciclos iniciais com a alfabetização; refletir sobre a docência.

A metodologia usada foi à revisão bibliográfica, é um estudo qualitativo e exploratório. Os resultados apontam possibilidade de realização de uma prática docente lúdica no momento de transição de hipóteses a partir de propostas significativas.

UM OLHAR PARA AS PRÁTICAS DE ALFABETIZAÇÃO

Durante muito tempo as atividades escolares na alfabetização eram repetitivas e contribuíam pouco na evolução da aprendizagem, isso ampliava ainda mais o percentual de alunos marginalizados por não aprenderem o código, sendo assim crescia o número de repetentes e a evasão escolar era grande (KISHIMOTO et al, 2011).

Com a publicação dos estudos de Emília Ferreira e Ana Teberosky (1985) sobre a Psicogênese da Língua Escrita mostraram que as crianças sabem muito sobre a escrita, mesmo antes de dominar o código alfabético. De acordo com as autoras “a primeira hipótese da criança é que a escrita representa o mundo de uma forma arbitrária”, ou seja, a criança entende a escrita como uma soma de desenhos representativos dos objetos (FERREIRO e TEBEROSKY, 1985, p. 73 apud MOREIRA,

2009, p.361). É uma etapa logo descartada, na maioria das vezes antes mesmo de entrar na escola.

Em seguida vem à fase denominada pré-silábica, é quando a criança já sabe que a escrita é formada por símbolos e que estes não representam diretamente a realidade, mas a criança ainda não sabe qual deve ser usado (MOREIRA, 2009, p. 362).

De forma progressiva a criança avança e começa a compreender que o sistema de escrita está baseado no som, ou seja, é fonográfica e a menor unidade sonora que ela representa nessa fase é a sílaba, portanto é denominada “Silábica” (MOREIRA, 2009, p. 362).

No momento que a criança ainda não diferenciou a sílaba do fonema ela encontra-se na hipótese silábico-alfabética e quando ela consegue “compreender que cada letra da escrita pode representar um fonema ela encontra-se na hipótese alfabética” (MOREIRA, 2009, p. 362).

De acordo com Moreira (2009) há uma lacuna em relação à obra, pois a criança está alfabetizada em sentido restrito, mas não há uma análise aprofundada da língua falada sobre o processo de alfabetização, momento de grande dificuldade para as crianças, que a teoria construtivista não dá conta de explicar.

Na proposta construtivista o foco centrou-se na escrita como sistema de representação de significados e a ênfase é na utilização social da escrita, às leituras de textos, às oportunidades de as crianças viverem experiências como leitoras e escritoras (MICOTTI, 2009).

De acordo com Ferreiro (1999) no método tradicional, primeiramente eram ensinadas as vogais, depois as consoantes, as sílabas, palavras, frases e textos, acreditando-se que as crianças aprendiam do mais simples ao mais complexo, colocando todos no mesmo nível de igualdade, sem considerar as especificidades individuais, o ritmo, o contexto, tendo como protagonista do processo de ensino-aprendizagem, a forma de ensino.

Em acordo com a proposta de Ferreiro (1999) os gêneros textuais são apresentados aos alunos em sua complexidade e contextos, as crianças aprendem a ler e escrever a partir de situações de uso social da escrita. Contudo, é importante considerar que:

Há crianças que chegam à escola sabendo que a escrita serve para escrever coisas inteligentes, divertidas ou importantes. Essas são as que terminam de alfabetizar-se na escola, mas começaram a alfabetizar muito antes, através da possibilidade de entrar em contato, de interagir com a língua escrita. Há outras crianças que necessitam da escola para apropriar-se da escrita (FERREIRO, 1999, p.23).

Essa afirmação mostra que a escola tem o importante papel de oportunizar práticas diversas, pensando nos alunos que já chegam à escola com uma bagagem sobre leitura e escrita e nos alunos que precisam de mais auxílio para ampliar seu mundo letrado. A alfabetização é um processo que vai além da vida escolar do aluno, não é somente o domínio, a interpretação das letras, ele se faz presente no cotidiano de todos, e antecede a matrícula escolar. Segundo Ferreiro (1999, p.48) “a alfabetização não é um estado ao qual se chega”, mas sim um processo geralmente anterior à escola e “que não termina ao finalizar a escola primária”.

O trabalho das pesquisadoras é importante por ressignificar o olhar para as práticas de alfabetização, especialmente na transição das práticas de escrita, desde os anos de 1980, quando o

construtivismo foi adotado para orientar o trabalho pedagógico referente à alfabetização mudanças significativas começaram a acontecer nas práticas pedagógicas e no trabalho com textos e leituras. De acordo com Micotti (2009) ao considerar a continuidade entre as experiências do sujeito e as novas aquisições como fundamental na construção do conhecimento o construtivismo viabilizou-se como importante ferramenta para o aprendizado.

A concepção construtivista proporciona aos alunos conhecimentos passíveis de reformulação, já que não existem verdades prontas e acabadas, promovendo incentivo a pesquisas para novas descobertas. A concepção construtivista valoriza o conhecimento e a capacidade da criança, nesse sentido o ensino serve como meio para socialização e desenvolvimento do cidadão (RUSSO, 2012, p. 30). Mas, isso requer maior atenção ao aluno, às suas dificuldades e avanços, para fazer as intervenções que forem necessárias de forma adequada. Desde então, o eixo das discussões se torna o aluno (sujeito cognoscente), o construtivismo “revolução conceitual”.

Nos dias atuais o processo de ensino aprendizagem da Língua Portuguesa permite que a criança construa hipóteses sobre o sistema alfabético de escrita, nas quais ela vai avançando conforme interage com os objetos de conhecimento do mundo letrado. Sendo assim, é possível dizer que as práticas de alfabetização passaram a valorizar um pouco mais os escritos dos alunos, contudo em acordo com Silva (2012, p. 21): “a dificuldade persiste em planejar atividades que contribuam para o processo inicial de aquisição da escrita”, e ainda existe muitas dúvidas e práticas descontextualizadas, deixando sempre a pergunta sobre quais as atividades indicadas para que os alunos avancem nas hipóteses de escrita.

“[...] Aprender a ler e a escrever está entre os maiores desafios de uma criança”, a afirmação de Pollo et al (2015, p. 449) mostra que é um processo difícil e que precisa ser planejado e qualificado pelos educadores. Os autores destacam três perspectivas no estudo sobre a escrita: fonológica, construtivista e da aprendizagem estática.

De acordo com a perspectiva fonológica o desafio consiste no entendimento que as letras representam fonemas, também é necessário ter conhecimento alfabético de correspondência letra-som, “a teoria fonológica descreve o desenvolvimento da escrita como uma habilidade, cada vez maior, de mapear os sons das palavras relacionando-os às letras fonologicamente” (GOUGH e HILLINGER, 1980 apud POLLO et al, 2015, p. 450).

Na alfabetização fonológica o termo “etapa” é usado de forma genérica, diferente dos termos “fase” e “estágio”, inicialmente as escritas não são fonológicas, no primeiro momento há a fase pré-alfabética (EHRI, 1991) ou estágio pré-comunicativo (GENTRY, 1982) no qual as escritas não têm relação com os sons das palavras. Em seguida, quando as crianças começam a compreender que as letras representam sons, começa a construção de palavras com letras apropriadas, denominada de “escrita parcial ou semifonética” (apud POLLO, 2015, p.450).

Quando as crianças começam a representar totalmente a fonologia das palavras entram na fase chamada de alfabética total ou estágio fonético, e quando as crianças não sabem escrever algum som elas inventam, o que Read (1986) chama de “escrita inventada” (apud POLLO et al, 2015, p.451).

Também não há preocupação com a ortografia convencional nessa etapa. Quando as crianças começam a aprender os padrões entram na fase chamada de “transição”. E, finalmente quando alcançam o último estágio, chamado de “correto” por Gentry (1982) ou “fase alfabética consolidada (EHRI, 1998) é o momento onde se tornam leitores e escritores competentes (apud POLLO et al, 2015, p.451).

Pollo et al (2015) destacam que a importância da teoria fonológica consiste no fato de que as crianças utilizam o conhecimento linguístico em suas escritas, o que é o contrário da teoria que acreditava que “aprender a escrever é um processo puramente de memorização”, dentre os fatores positivos da perspectiva fonológica está a constatação que é uma abordagem que se usa tanto de dados naturalísticos quanto experimentais, dessa forma:

A teoria fonológica tem um papel fundamental na alfabetização, já que tem orientado educadores e incentivado professores a analisarem a fala em fonemas e a ensinarem as correspondências letra-som (POLLO e al, 2015, p.451).

Contudo, na perspectiva fonológica há pouca preocupação com os aspectos não fonológicos da escrita, especialmente na fase pré-fonética, onde não há estudos aprofundados. Na teoria construtivista, mais influente em países de línguas românicas, dentre elas o português, os estudos são baseados na obra de Piaget, que postulou estágios de desenvolvimento, que são aplicados a uma variedade de comportamentos específicos e também usados na leitura e na escrita (POLLO et al, 2015).

Pollo et al (2015, p. 453) esclarecem que nos países de língua românica é o paradigma predominante na explicação das fases da escrita, mas no Brasil ainda apresenta limitações, sendo uma delas a “falta de evidências para o estágio silábico”.

A terceira perspectiva apontada nos estudos de Pollo et al (2015) é a “estática”, que concorda com a premissa de que as crianças das sociedades letradas têm conhecimento sobre a escrita antes de compreenderem que letras representam fonemas e entendem que “existem padrões significativos nas primeiras escritas das crianças” (POLLO et al, 2015, p. 454).

Ambos os estudos, a teoria construtivista de Ferreiro e Teberosky e os estudos sobre o método fonológico na aquisição da escrita buscam debruçar-se sobre o momento da aquisição da escrita e como qualificar esse momento para ajudar a criança a progredir nas hipóteses. A seguir é apresentada a reflexão sobre a inserção do lúdico nesse processo.

POSSIBILIDADES DE TRABALHO COM O LÚDICO NAS TRANSIÇÕES DE HIPÓTESES DE ESCRITA

O desafio dos educadores consiste em buscar formas de ajudar os alunos a construir suas aprendizagens, mas para isso é preciso compreender a alfabetização enquanto processo, conhecer as diferentes concepções de alfabetização, dentre elas à teoria de Ferreiro e Teberosky, pois é uma proposta que tem um olhar diferente para a criança e seus erros, que antes eram considerados ab-

surdos, como uma demonstração do seu grau de conhecimento e como pré-requisito para chegar ao acerto, mas na proposta de Ferreiro e Teberosky (1985) é visto como uma das etapas para o avanço.

Nesse processo é preciso compreender a alfabetização como algo além de decodificação de palavras e memorização de símbolos, mas sim que requer um conjunto de estruturas de pensamentos e habilidades. O Brasil tem obtido baixíssimos índices na avaliação de Língua Portuguesa, para Kishimoto (2010) isso se deve não apenas com o sistema escolar em si, mas com todo o conjunto de fatores.

Com a reformulação do Ensino Fundamental foram publicados documentos sobre a inserção do lúdico nos anos iniciais do Ensino Fundamental. O lúdico deve ser presente nas propostas de alfabetização, pois quando as crianças estão jogando, elas se interagem, tomam decisões, se apropriam das regras do jogo, organizam o pensamento, modificam as regras e desenvolvem o pensamento abstrato de acordo com sua idade, conforme destacado na citação a seguir:

O brincar revela a estrutura do mundo da criança, como se organiza o seu pensamento, às questões que ela se coloca como vê o mundo à sua volta. Na brincadeira, a criança explora as formas de interação humana, aprende a lidar com a espera, a antecipar ações, a tomar decisões, a participar de uma ação coletiva (BORBA, 2007, p. 9).

Os professores que desenvolvem atividades com jogos, proporcionam para si e para seus alunos a oportunidade de aprenderem enquanto brincam, os jogos e brincadeiras são uma importante ferramenta de trabalho pedagógico. Assim, é relevante a presença do brincar e cenários que ajudam a criança a desenvolver habilidades, estratégias, linguagem oral e a compreensão da expressão oral e escrita. Um ambiente que oferece liberdade e ao mesmo tempo orienta, leva a criança a aprender positivamente e a tomar decisões sobre sua aprendizagem (KISHIMOTO, 2010).

Há muitos estudiosos que defendem o lúdico na aprendizagem, dentre eles são destacados os estudos de Jean Piaget (1896-1989), Lev S. Vygotsky (1886-1934). As teorias psicogenéticas contribuíram para compreender a aprendizagem e a construção de conhecimentos a partir da interação entre biológico, histórico e cultural e defende a interação enquanto recurso fundamental para o desenvolvimento cognitivo, social e afetivo dos sujeitos.

Na teoria construtivista, que tem Piaget como seu teórico mais importante, a aprendizagem é a passagem de um nível de menor conhecimento para um de maior conhecimento, assim entende-se que ao mesmo tempo em que o sujeito constrói o objeto, constrói a si mesmo como sujeito. E tudo isso, por meio de sua ação interativa com o meio em que vive. (STOLTZ, 2012, p. 16).

Todo o processo de desenvolvimento da cognição, que abrange as diferentes atividades da mente humana (memória, percepção, imagem mental, raciocínio, entre outras), surge através da interação da pessoa com o meio físico e social. Isso significa que não há inteligência inata, mas que ela é construída a partir da interação (PIAGET apud STOLTZ, 2012, p. 16).

Já Vygotsky traz a importância da interação quando afirma que os sistemas simbólicos que se interpõem entre sujeito e objeto de conhecimento têm origem social. Nesse sentido, a cultura que fornece ao indivíduo os sistemas simbólicos de representação da realidade e, por meio deles, o universo de significações que permite construir uma ordenação, ou seja, uma interpretação dos

dados do mundo real, “As funções psicológicas superiores, baseadas na operação com sistemas simbólicos, são, pois, construídas de fora para dentro do indivíduo” (VYGOTSKY apud OLIVEIRA, 2010, p. 37).

Ele construiu sua teoria com base no desenvolvimento do indivíduo como resultado de um processo sócio-histórico, enfatizando o papel da linguagem e da aprendizagem nesse desenvolvimento. A questão central de sua teoria é a aquisição de conhecimentos pela interação do sujeito com o meio. Essa teoria, conhecida como sociointeracionista, leva em consideração não o produto da fala da criança ou de seu cuidador, mas a relação dialógica que se instaura entre os dois, em seus papéis de falante e de interlocutor.

Segundo Vygotsky (apud LEONTIEV, 1988), a zona de desenvolvimento proximal, é o desenvolvimento mental prospectivo do docente e do discente, isto é, um estágio do processo de aprendizagem em que o aluno necessita da ajuda de uma pessoa mais experiente que saiba o conteúdo que está sendo trabalhado, (o professor ou outro colega).

Na zona de desenvolvimento real, há o desenvolvimento mental retrospectivo, ou seja, o aluno não necessita de ajuda para realizar as atividades. A transição da zona de desenvolvimento proximal para a zona de desenvolvimento real acontece durante as primeiras tentativas de jogar um determinado jogo, pois a criança que não souber as regras do jogo vai aprender com ajuda do professor ou de algum colega que já saiba.

De acordo com Leontiev (1988) além de ajudarem a desenvolver o processo de alfabetização, em raciocínio lógico, os jogos também propiciam a observação, por parte do professor, em características pessoais dos alunos, e até na aquisição de que regras são boas para conviver em sociedade:

Traços extremamente importantes de personalidade da criança são desenvolvidos durante tais jogos e, sobretudo, sua habilidade em se submeter a uma regra, mesmo quando um estímulo direto a impele a fazer algo muito diferente. Dominar as regras significa dominar seu próprio comportamento, aprendendo a controlá-lo aprendendo a subordiná-lo a um propósito definido (LEONTIEV, 1988, p. 138).

Piaget (1976) à medida que a criança se desenvolve, com livre manipulação de diversos materiais, ela passa a fazer adaptações, reconstruir, reinventar coisas, e isso requer dela um pensamento mais completo, essa ação se torna possível a partir de sua evolução interna, a criança tem o concreto (atividades lúdicas) e passa para o abstrato (que no caso pode ser a escrita ou as noções de números e sua relação consigo mesma).

Assim, de acordo com os autores apontados nesse estudo os jogos podem e devem ser inseridos ao planejamento, não é perda de tempo, é ganho na qualidade da prática educativa. A nossa civilização não pode existir sem um certo elemento lúdico, a própria sociedade é como um jogo com regras.

Segundo Kishimoto et al. (2011) o lúdico é muito importante no sentido de aproximar temas como a alfabetização, o letramento e a brincadeira, que, historicamente, estiveram distanciados do currículo da escola.

O brincar é tratado como "um modo de estar no mundo, uma expressão legítima e única da infância e um dos princípios para a prática pedagógica". A brincadeira é entendida como "possibilidade para conhecer mais as crianças e as infâncias que constituem os anos/séries iniciais do ensino fundamental de nove anos", e sugere-se que seja contemplada "nos tempos e espaços da escola e das salas de aula" (BRASIL, 2006, p. 10 apud KISHIMOTO, 2011, p. 03).

Assim, faz-se necessário a elaboração de uma nova proposta pedagógica e curricular coerente com as especificidades não só da criança de seis anos de idade, como também das demais crianças de sete, oito, nove e dez anos de idade que realizam os cinco anos iniciais do Ensino Fundamental, assim como os anos finais dessa etapa de ensino (KISHIMOTO, 2011).

Há necessidade de propiciar melhores práticas de alfabetização, não apenas o ensino da codificação e decodificação de letras, fora de um contexto à realidade de quem aprende. A alfabetização pode e deve ser incluída ao ambiente de cada criança, essa fase deve ser prazerosa aos alunos.

Há possibilidades de incluir o lúdico no processo de transição de hipóteses de escrita, mas é preciso considerar os objetivos, a apresentação das brincadeiras e jogos, se elas consideram as vozes das crianças, se permitem a experiência lúdica, se realmente possibilitam uma experiência em que se estabeleçam novas e diversas relações com os conhecimentos (BORBA, 2007).

Nesse sentido, é preciso observá-las para melhor conhecê-las, compreendendo seus universos e referências culturais, seus modos próprios de sentir, pensar e agir, suas formas de se relacionar com os outros. Percebendo as alianças, amizades, hierarquias e relações de poder entre pares. É assim que o docente irá estabelecer pontes, com base nessas observações, entre o que se aprende no brincar e em outras atividades, fornecendo para as crianças a possibilidade de enriquecerem-se e enriquecerem-nas:

Centrando a ação pedagógica no diálogo com as crianças e os adolescentes, trocando saberes e experiências, trazendo a dimensão da imaginação e da criação para a prática cotidiana de ensinar e aprender. Enfim, é preciso deixar que as crianças e os adolescentes brinquem, é preciso aprender com eles a rir, a inverter a ordem, a representar, a imitar, a sonhar e a imaginar (BORBA, 2007, p.44).

A importância do planejar levará em conta as especificidades de cada educando, dessa forma permite ao docente que vá de encontro com eles, incorporando a dimensão humana do brincar, da poesia e da arte, podendo assim construir o percurso da ampliação e da afirmação de conhecimentos sobre o mundo

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo teve como objetivo apresentar as possibilidades do trabalho com o lúdico no momento da transição das hipóteses de escrita das crianças matriculadas no primeiro ciclo do Ensino Fundamental e demonstra que com planejamento e intencionalidade pedagógica é possível realizar um trabalho que ajude os alunos a avançar.

Após a revisão de literatura ampliou-se saberes sobre o trabalho de Emília Ferreiro e Ana Teberosky sobre as Hipóteses de escrita e sua importância para saber em qual fase a criança se encontra e como auxiliá-la a progredir, bem como a teoria sobre a concepção fonológica que busca

ampliar o alcance da teoria construtivista, já que ainda há muitas crianças que encontram dificuldades no processo.

O olhar sobre a alfabetização ampliou-se significativamente a partir das teorias de desenvolvimento no delineamento das atuais concepções de educação e de aprendizagem, assim como as pesquisas de Emilia Ferreiro sobre a Psicogênese da Língua Escrita e os estudos sobre o Letramento.

Os profissionais precisam estar atentos ao planejamento, pois é preciso criar as condições apropriadas para o desenvolvimento das habilidades nas quais a criança apresenta baixo rendimento. Dessa forma, o problema está em quais as formas para tornar o ensino interessante para o aluno e seja adequado ao seu modo de resolver problemas, ou seja, é preciso qualificar sempre as práticas e especializar-se constantemente, sendo por meio do lúdico um dos caminhos mais significativos para as crianças, conforme defendem os autores citados.

O objetivo da pesquisa consistia nas possibilidades do trabalho com o lúdico no momento de transição de escrita e a reflexão através dos autores mencionados leva a compreensão de que é possível sim a escrita e a leitura nas séries iniciais do Ensino Fundamental ser oferecida com práticas lúdicas e significativas para as crianças, mas que isso depende em grande parte dos educadores.

Por fim, é preciso considerar que nas séries iniciais as crianças estão adentrando o universo do conhecimento formal, mas antes disso, elas já possuem uma vivência de mundo, portanto é importante que o educador possa partir de todo esse acervo que a criança já possui e assim propor um trabalho que seja íntimo com as práticas sociais de cada comunidade escolar.

REFERÊNCIAS

BORBA, Â. M. B. **O brincar como um modo de ser e estar no mundo**. In. **Ensino Fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade**. Brasília: 2007, p.33-46.Org. Jeanete Beauchamp, Sandra Denise Pagel, Aricélia Ribeiro do Nascimento. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/ensifund9anobasefinal.pdf>. Acesso em: 05 jan. 2023.

BRASIL. **Emenda Constitucional nº 59 de 2009**.

BRASIL. **Ensino Fundamental de nove anos: Orientações gerais**. Ministério da Educação, Brasília: 2004. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/noveanorienger.pdf>. Acesso em: 05 jan. 2023.

BRASIL. **Lei que estabelece diretrizes e bases para a Educação Nacional.** Lei nº. 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/index.php?option=content&-task=view&id=120>. Acesso em: 05 jan. 2023.

FERREIRO, E. **Alfabetização em processo.** (trad. De Sara Cunha Lima, Marisa do Nascimento Paro) – 19ª ed. São Paulo: Cortez, 2009.

KISHIMOTO, T. M. **Alfabetização e Letramento/literacia no contexto da educação infantil: desafios para o ensino, a pesquisa e para a formação.** Revista Múltiplas Leituras, v. 3, n. 1, p. 18-36, jan. jun. 2010. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistasims/index.php/ML/article/viewFile/1902/194> Acesso em: 05 jan. 2023.

KISHIMOTO, T. M. **O jogo, brinquedo, brincadeira e a educação.** 14ª ed. São Paulo: Cortez, 2011. Cap. 1, p. 7-48.

LEONTIEV, A. N. **Os princípios psicológicos da brincadeira em idade pré-escolar.** In: VIGOTSKI, L. S. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem.** São Paulo: Ícone EDUSP, 1988. Tradução: Maria da Penha Villalobos.

MICOTTI, M. C. de O. **Leitura e Escrita: como aprender com êxito por meio da pedagogia de projetos.** São Paulo: Contexto, 2009.

MOREIRA, C. M. **Os estágios de aprendizagem da escritura pela criança: uma nova leitura para um antigo tema.** Linguagem em (Dis)curso, Palhoça-SC, v. 9, n. 2, p. 359-385, mai/ago de 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ld/v9n2/07.pdf>

OLIVEIRA, M. k. de. Vygotsky: **Aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico.** São Paulo: Scipione, 2010. Cap. 2 e 3, p. 27-53.

POLLO, T. C.; TREIMAN, R.; KESSLER, B.. **Uma revisão crítica de três perspectivas sobre o desenvolvimento da escrita.** Estudos de Psicologia, Campinas, jul/set de 2015, p. 449-459. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0103166X2015000300449&lng=es&tlng=pt. Acesso em: 05 jan. 2023.

REGO, L. L. B. **Alfabetização e Letramento: refletindo sobre as atuais controvérsias.** Domínio Público, 2014. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me03176a.pdf>. Acesso em: 05 jan. 2023.

RUSSO, M. de F. **Alfabetização: um processo em construção.** 6ª Ed. São Paulo: Saraiva, 2012.

SILVA, V. S. **Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura.** UNICAMP. Revista Educação e Sociedade. Campinas, vol 23, n. 81, p. 143- 160, dez. 2012. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 05 jan. 2023.

STOLTZ, T. **As perspectivas construtivista e histórico-cultural na educação escolar.** Curitiba: Intersaberes, 2012. (Coleção Fundamentos da Educação). Cap. 1 e 2, p. 8 -86.